

## Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

### 2º capítulo - O discurso do judaísmo brasileiro através da literatura e da arte

Entre o cheder e a rua: figurações do judaico e do brasileiro na prosa de Samuel Bawet

Rosana Kohl Bines

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BINES, RK. Entre o cheder e a rua: figurações do judaico e do brasileiro na prosa de Samuel Bawet. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 219-224. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Entre o cheder e a rua: figurações do judaico e do brasileiro na prosa de Samuel Bawet

Rosana Kohl Bines<sup>1</sup>

Quando em 25 de agosto de 1984, o escritor judeu brasileiro Samuel Rawet foi encontrado morto em seu apartamento, descansava a seu lado, sobre a mesa, uma grossa pilha de folhas manuscritas. Não se tratava, porém, de nenhum original inédito de Rawet, como esperava o escritor Fausto Cunha, quando foi ao apartamento do amigo, em busca de escritos para publicação póstuma<sup>2</sup>. A pilha manuscrita tinha a grafia de Rawet, mas não a autoria. Aparentemente, por um longo período de tempo, Rawet esteve a copiar a mão, palavra por palavra, os poemas de amor da escritora mexicana Sor Juana Ines de la Cruz. O que teria levado este escritor judeu, contemporâneo, um cético impiedoso, cuja literatura persegue o desespero e o desamor, a empenhar-se em tão delicada tarefa de transcrever fielmente os versos amorosos de uma freira católica do século XVII?

Eu resistirei à tentação de especular sobre as razões de fundo, por detrás desta aproximação insólita, para fixar-me, ao invés, na imagem de superfície, do escritor como copista, tão evocativa do célebre conto de Jorge Luiz Borges “Pierre Menard: Autor de Quixote”. Como vocês devem se lembrar, Pierre Menard é apresentado ao leitor como um escritor francês do século XX, que reescreve o romance *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, datado do século XVII, copiando-o letra por letra, sem alterar sequer a pontuação original. Nos é dito que o Quixote de Pierre Menard é um feito ainda mais importante do que a obra prima de Cervantes. Posto que não há mérito especial em se escrever como Cervantes quando se é de fato

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura / Universidade de Chicago

<sup>2</sup> Fausto Cunha foi um grande amigo de Samuel Rawet, desde os tempos em que participavam juntos do círculo literário Café da Manhã, liderado pela escritora Dinah Silveira de Queirós, nas décadas de 50 e 60. Fausto Cunha narrou sua visita ao apartamento de Rawet ao escritor Renard Perez, outro integrante do grupo Café da Manhã, com quem me encontrei em duas ocasiões e a quem sou extremamente grata por dividir comigo suas memórias de Rawet. Todas as minhas tentativas de entrevistar Fausto Cunha foram frustradas.

Cervantes. A mais árdua tarefa é chegar ao Quixote de Cervantes, tal qual o autor o concebeu, mas através das experiências de alguém vindo de outro século, dono de outras crenças, outra sensibilidade e padrões estéticos.

O ataque a noções de autoria, originalidade e verdade garantiu a Borges um lugar proeminente nos estudos da literatura e da teoria crítica contemporâneas. Borges tornou-se ícone maior de um certo fazer literário debruçado sobre si mesmo, apartado do “mundo real” e dos “referentes concretos” e preocupado tão somente em expor a ficção do texto, o texto enquanto repetição de outros textos, numa elaborada cadeia de citações autorreferenciais, que não apontam para nada além das circunscrições da própria escrita.

Se eu trago Borges e “Pierre Menard” para compor este retrato derradeiro de Rawet em sua última empreitada literária, é menos para firmar afinidades, do que para marcar, por oposição, o grande fosso que separa estes dois escritores.

Na ficção de Borges, estamos diante de um autor que simula um controle absoluto sobre as maquinações da sua escrita, posta em movimento sem o menor traço de modéstia quanto ao valor artístico da obra. Borges parece sempre narrar de um posto altivo e confiante, a divertir-se às nossas custas, quando nos guia e nos perde nos labirintos calculados de sua prosa<sup>3</sup>. Nos textos de Rawet, ao contrário, sentimos o pulso de um escritor jamais inteiramente à vontade com os artifícios de sua narrativa. Hábil contista, dotado de “um instrumental literário de grande precisão,” na avaliação de Jacó Guinsburg<sup>4</sup>, Rawet criou textos densos, de contorno ensaístico, que lhe renderam alguns elogios e muito estranhamento. Estranhamento causado pela dificuldade em situar a prosa imbricada e soturna de Rawet dentro dos parâmetros de uma escrita brasileira, identificada desde o nosso primeiro modernismo de 22, pelos traços solares da espontaneidade e da coloquialidade, num projeto de afirmação nacional centrado na recusa da dicção empolada, demasiado séria e profunda, produzida na matriz europeia.

<sup>3</sup> O crítico René de Costa dedicou um capítulo de seu livro sobre Borges às formas empregadas pelo autor para divertir-se com o leitor. Ver René de Costa, *Humor in Borges*. Detroit: Wayne University Press, 2000. pp. 49-55. Estas páginas abordam a função do humor no conto “Pierre Menard, autor de Quixote”.

<sup>4</sup> Jacó Guinsburg, “Os imigrantes de Samuel Rawet”. In: *Paratodos* (revista), no 30, Rio-São Paulo: 1ª quinzena de agosto de 1957.

Thomas Mann, Kafka, Beckett, Joyce, Artaud, são os nomes recorrentes em que a crítica brasileira se apoia, quando lê Samuel Rawet. Se o escritor envereda pelas raias do absurdo, Kafka e Beckett comparecem para dar sustentação à análise comparativa. Se os críticos estudam a confluência dos tempos na obra de Rawet, é a vez de citar Proust como fonte de influência. O mergulho das personagens rawetianas na “infinitude do mundo interior” é compreendido à luz de Joyce e Thomas Mann, enquanto o ritmo desenfreado de seus textos, reminescente da prosa psicótica de Artaud<sup>5</sup>. A Rawet, este “ilustre escritor estrangeiro<sup>6</sup>”, como foi chamado, não se ofereceu a segurança de uma genealogia brasileira. Sua filiação permaneceu atrelada, aos olhos da crítica, a um certo “alhores,” a uma geografia e tempo para além das fronteiras nacionais. As poucas tentativas de dar a Rawet uma cara brasileira soam forçadas, caricatas até, como nos mostra esta resenha publicada em 1956 no Diário de Notícias, por ocasião do lançamento de “Contos do Imigrante,” o livro de estreia do autor e seu trabalho mais acessível:

Chegar e partir ficaram impressos na sensibilidade do menino que se fez homem e é hoje tão brasileiro (eu o conheço bem) como qualquer um de nós: toca samba em caixa de fósforos, fala na nossa gíria, dança as nossas músicas e canta – desafinadamente, é certo – principalmente em noites de lua, canções brasileiras que falam de nosso céu, estrelas e mulatas... O menino de ontem era polonês, o homem de hoje é brasileiro<sup>7</sup>.

A resenhista tenta resolver certo desconforto com relação à biografia imigrante de Rawet pelo estabelecimento de uma linha divisória absolutamente rigorosa entre o menino de ontem e o homem de hoje. Nenhum vestígio de estrangeiridade penetra a fôrma do brasileiro essencial. A ansiedade em relação ao passado polonês de Rawet fica evidente tanto

<sup>5</sup> A alusão a escritores estrangeiros como estratégia para avaliar a obra de Rawet está presente, entre outros textos, em Assis Brasil, “As Viagens de Rawet”, s/d; Gilda Salem Szklo, “A Experiência do trágico: recordando Rawet”, *Suplemento Literário* 950,15 de dezembro de 1984; Hélio Pólvora, *A Força da Ficção*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971; Dando Gomes, “Na toca de Samuel Rawet, o solitário caminhante do mundo”, *Suplemento Literário*, 5 de março de 1977; Maria Lucia Verdi, “Obsessões temáticas: uma leitura da obra de Samuel Rawet”, diss., Universidade de Brasília, 1989.

<sup>6</sup> Arthur Engrácio. “O contista Samuel Rawet”, *Jornal Cultura*. Nov. 1970.

<sup>7</sup> Eneida. “Contos do Imigrante.” In: *Diário de Notícias* (jornal). Rio de Janeiro: 30 de março de 1956.

pelo exagero estereotipado com que a jornalista procura vender a imagem de um escritor genuinamente brasileiro, quanto pelo gesto de emprestar a sua própria autoridade enquanto brasileira nata (quando enfatiza “Eu o conheço bem”), como estratégia para dissipar suspeitas e dar o aval de boa conduta a este escritor de passaporte duvidoso.

Não é de se surpreender que, na sequência desta mesma resenha, o tom ufanista da caixinha de fósforos não se sustente, frente às dificuldades que a linguagem de Rawet impõe ao leitor. A resenhista faz esta ressalva: “Creio que Rawet esteja tentando contar de maneira diferente, esquecido de que o bom mesmo é contar de maneira simples e comum<sup>8</sup>.”

Esta polarização de categorias e critérios, que alinha o “difícil,” ao estrangeiro e o “descomplicado” ao brasileiro se incorpora à prosa de Rawet de forma dilacerada. Oscilações bruscas de registro, por vezes no interior de um mesmo parágrafo, forçam uma coexistência improvável entre a agressividade abrupta do palavrão e as sutilezas desdobráveis da prosa reflexiva. Eu cito um trecho de Rawet, do livro *Eu-Tu-Ele*:

Basta nascer com uma cabeça, tronco, membros, um caralho ou uma boceta entre as pernas para ser homem ou mulher, basta? ... Ou é preciso renascer, filtrado pela dor, para compreender que o máximo a fazer é formular a pergunta, sem tentar obter solução para o problema, se problema existe. Formular a pergunta, simplesmente e passar a vida colhendo de si mesmo fragmentos de respostas...<sup>9</sup>

O gesto de comprimir, em uma única formulação, modos tão disparatados de dizer não vai sem certa dose de violência, deixando entrever as tensões e conflitos de uma identidade hifenada de judeu-brasileiro, que se traduz como linguagem partida. Entre a palavra chula e a palavra filosófica, não há mediação, só atrito e faísca. Não se vislumbra a via do diálogo. O hífen marca antes um abismo entre duas figuras, duas condutas, duas gramáticas que se tomam por irreconciliáveis. De um lado, Rawet, o judeu imigrante, educado no *cheder*, afeito aos livros e a indagação intelectual, ávido leitor e escritor sofisticado. De outro, Rawet, o carioca suburbano, educado na pedagogia das ruas, boêmio, malandro e desbocado, para quem o palavrão é sinônimo de “prosa saborosa,

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Samuel Rawet. *Eu-Tu-Ele*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1971. pp. 45-46.

brasileira”<sup>10</sup>. O embate entre estas duas polaridades se trava em linguagem e é feroz. Reminiscências de infância, ligadas ao judaísmo aprendido no *cheder* na Polônia assumem ares de afetação exagerada, que marcam, sarcasticamente, com um sinal de menos, a herança livresca do passado, da qual busca se desvincular. Esta passagem que eu cito está no ensaio autobiográfico “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia,” publicado em xerox em 1970, com dinheiro do próprio bolso, pela “puta-que-o-pariu” editora: “Ah, as neves da minha infância, ah, as doçuras das varadas que levei porque chutei uma bola na rua. Foram contar ao velho barbudo (já então havia delatores) e o homem espumou na sala do prédio da sinagoga<sup>11</sup>.”

A rivalidade que se estabelece entre o espaço disciplinar, opressivo do *cheder* e o espaço da insubmissão, da bola chutada na rua, provoca um efeito de montanha russa na leitura dos textos de Rawet, sempre imprevisíveis na alternância de rompantes e silêncios, de grosserias e sutilezas filosóficas que beiram o hermético<sup>12</sup>. Esta estética irregular, creio eu, revela muito além da biografia conturbada de um escritor que conheceu cedo a doença e os processos de desagregação mental, que informam algumas de suas declarações violentas de antijudaísmo e auto-ódio. A virulência com que Rawet busca desassociar sua imagem da cultura letrada e do povo do livro revela também as enormes pressões e expectativas de todo um contexto literário nacional, afinado com a palavra prosaica como signo de brasilidade. Entoando este coro, Samuel Rawet confirma:

A América Latina está deixando de se embasbacar com uma erudição boba, europeia. Se tem uma coisa que detesto é a erudição. Faço exceção apenas para um escritor argentino que realmente é uma

<sup>10</sup> Samuel Rawet. “Devaneios de um solitário aprendiz da ironia” (1970). Publicação em xerox, edição do autor. p. 16. Agradeço à Clara Apelbaum, irmã de Samuel Rawet, o acesso a este e outros textos inéditos do autor.

<sup>11</sup> Idem, p. 10.

<sup>12</sup> Quanto à alternância de registros na prosa de Rawet, há um trecho do conto “Aprendizado” que descreve magistralmente o processo, através da fala de um personagem, narrada em discurso indireto livre: “Também ele soubera apoderar-se desta arte, mais artifício, toda feita de sutilezas e grosserias, de expectativa e oportunidade, de insolência e submissão, de silêncios e rompantes, de anulação e prepotência. Conhecia a palavra exata para o momento preciso, a frase picante ou obscena no ambiente adequado, o tom humilde diante do superior útil, o grosseiro diante do inferior, o arrogante quando o poderoso em nada o podia prejudicar.- In: *Diálogo*. Rio de Janeiro: GRD, 1963. pp. 55.

figura admirável e que consegue, com erudição, fazer criação. É o Jorge Luiz Borges<sup>13</sup>.

O trunfo de Borges é o impasse de Rawet. Para quem apostou todas as suas fichas no manejo da língua portuguesa e na possibilidade incerta de nela criar raízes, fazer literatura é atividade de alto risco. Em jogo, questões vitais de identidade e pertença. Quando Rawet copia Ines de la Cruz, portanto, não adentra o universo borgiano dos jogos de linguagem, dos espelhos e miragens. As perguntas que a literatura de Rawet levanta não são em última instância sobre a literatura em si. Debatendo-se entre o *cheder* e a rua, a literatura de Rawet carrega um sentido de urgência, quando vai de encontro à vida, com seus chamamentos e exigências, aos quais o escritor jamais deixou de emprestar sua voz contundente. E é sobretudo quando perde a medida e a compostura, que chegamos mais perto do vigor desconcertante de uma obra, já há mais de duas décadas sem publicação em português, e que merece encontrar uma nova geração de leitores. Quem dá o primeiro lance?

---

<sup>13</sup> Samuel Rawet. Entrevista dada a Ronaldo Conde. “A necessidade de escrever contos”. In: *Correio da Manhã* (jornal). 7 de dezembro de 1971.